

Boletim

da Sociedade Portuguesa de Matemática

26º ENCONTRO SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA UNIVERSIDADE DE AVEIRO 14-15 JUNHO



INCLUI SESSÃO TEMÁTICA NO ÂMBITO DAS
ATIVIDADES DO

MATHEMATICS OF
PLANET
EARTH



69

Número

DEZEMBRO 2013

Resumos alargados das comunicações

[suplemento]

ISSN 0872-3672

SUMÁRIO

<i>Luís Saraiva,</i> 26º Encontro do Seminário Nacional de História da Matemática	1
Resumos	
<i>Maryvonne Spiesser,</i> Fibonacci, a master in the art of reckoning	5
<i>Samuel Gessner,</i> Compasso geométrico, astronómico, náutico	7
<i>Bruno Almeida,</i> A Anotação sobre as derradeiras palavras do Capitulo dos Climas, de Pedro Nunes	11
<i>Ana Patrícia Martins,</i> Curso Mathematico da Academia Real de Marinha, de 1779 a 1837	14
<i>Jorge Semedo de Matos,</i> António Estácio dos Reis – Notas de uma carreira de investigador	18
<i>António Estácio dos Reis,</i> Clube dos Matemáticos Frustrados	23
<i>Carlota Simões,</i> A Matemática dos nossos Avós: um projecto do Ano Internacional do Planeta Terra	25
<i>Teresa Costa,</i> Interações com o mundo hispânico uma realidade presente nas aritméticas portuguesas de quinhentos?	29
<i>Maria do Carmo Martins e Helena Melo,</i> A família Canto e a Ciência nos Açores	32
<i>Vitor Bonifácio e Helmuth Malonek,</i> Os inesperados livros de Matemática da BPE	35
<i>João Tomas do Amaral,</i> Bento Caraça e Lobo Vilela – duas trajectórias e um sonho	38
<i>Reinhard Kahle,</i> Os interlocutores científicos de Hugo Ribeiro	41

(continua no verso)

A FAMÍLIA CANTO E A CIÊNCIA NOS AÇORES

Maria do Carmo Martins, Helena Melo

Universidade dos Açores, Dep. de Matemática, CMATI

e-mail: mika@uac.pt; hmelo@uac.pt

1 Introdução

A origem da família Canto em Portugal remonta ao século XV e surge associada à cidade de Guimarães. Descende de ingleses que passaram pela Península Ibérica no contexto da Guerra dos Cem anos. Nos Açores, os Canto surgem com o escudeiro régio Pero (ou Pedro) Anes do Canto (1480–1556), que sendo criado em Guimarães se fixa na Terceira a partir de 1511. Pero ganha proeminência política, social e económica na sociedade local devido ao seu empenho em ações militares e como Provedor das Armadas dos Açores. Em S. Miguel, o nome Canto surge com Luís do Canto de Vasconcelos (?–1630), bisneto de Pero. Durante anos o apelido Canto aparece associado a outros nomes da sociedade Micaelense, como Dias do Canto e Medeiros. Em meados do século XIX, a prole de José Caetano Dias do Canto Medeiros abdica dos nomes ainda usados pelo progenitor e toma Canto como única referência de identificação familiar.

É sobre esta família Canto que destacaremos algumas contribuições para a evolução e o progresso da cidade de P. Delgada, de S. Miguel e dos Açores. O nosso relato inicia-se com o morgado José Caetano do Canto e Medeiros (16/10/1786–23/10/1858), que ao completar 18 anos tomou posse das terras da família, tornando-se num dos maiores proprietários da ilha. Como morgado, pai e cidadão desempenhou exemplarmente as suas funções, tendo exercido diversos cargos públicos, nos meios político e social. Apesar de viver numa ilha isolada no meio do Atlântico, lia revistas estrangeiras e estava a par do que se passava na Europa. Proporcionou uma educação esmerada aos seus filhos através de formação superior em Coimbra, Lisboa e Paris. Da vasta prole gerada ao longo de dois casamentos, destacaremos André e José (do primeiro) e Ernesto e Eugénio (do segundo).

2 Os ilustres filhos do morgado

André do Canto (03/03/1814–21/04/1848) Membro fundador de diversas sociedades, como a Sociedade da Agricultura Micaelense e a Sociedade Escolástica Micaelense. Desempenhou diversos cargos públicos, tendo sido

Governador do Distrito de P. Delgada, Presidente da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense (SPAM) e membro da Junta Geral do Distrito.

André, o pai e o irmão José faziam parte da equipa da SPAM que criou o jornal *O Agricultor Micaelense*, um periódico mensal com o propósito de auxiliar os lavradores micaelenses e de ilustrar a classe agrícola Açoriana em geral. A 1ª edição surge a 20 de Outubro de 1843 e prolonga-se até junho de 1845. Uma 2ª edição, já com outro formato e ilustrações, ocorre entre janeiro de 1848 e março de 1852. São abordados temas bastante diversificados, como a cultura do tabaco, do linho da Nova Zelândia, da banana ou do ananás, a fabricação do anil, observações meteorológicas e até receitas culinárias. Infelizmente, também em *O Agricultor Micaelense* é notificada a morte repentina de André do Canto.

José do Canto (20/01/1820–10/07/1898) Após a sua formação em P. Delgada foi, em 1838, estudar para Paris, mas limitou-se a aperfeiçoar o francês, a socializar e a escrever cartas doridas para casa. Em 1839 regressa à ilha e um ano depois parte com o objetivo de se matricular na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Em 1842 abandona os estudos e regressa à ilha com o intuito de se casar com a morgada Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira. Dedicou-se à administração dos bens da grande casa vincular de sua mulher, que possuía propriedades em S. Miguel, Terceira, Pico e Faial.

Por razões familiares, José passa uma temporada em Paris, onde compra espécies de novas plantas para mandar para S. Miguel. Interessado pela botânica e pela jardinagem, promoveu e desenvolveu a introdução de novas culturas, nomeadamente as do chá, do ananás, da camélia e da criptoméria, iniciando uma reforma na agricultura Micaelense. Foi um dos fundadores da SPAM, 1º redator e diretor do jornal *O Agricultor Micaelense*. Defendeu a necessidade e utilidade da construção do Porto de P. Delgada. Bibliófilo e bibliógrafo, protegeu e apoiou financeiramente alguns homens das artes e letras. Foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Ernesto do Canto (12/12/1831–21/08/1900) Depois dos estudos em P. Delgada, partiu em 1850 para Lisboa, onde frequentou a Escola Académica de António Florêncio dos Santos. Em 1851 matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde se formou em Filosofia no ano de 1856, altura em que regressou a P. Delgada. Desempenhou diversos cargos públicos: Vereador e Presidente da Câmara Municipal de P. Delgada; Vogal e Presidente da Junta Geral do Distrito; membro da Junta Administrativa das Obras do Porto Ar-

tifical de P. Delgada; Provedor da Santa Casa da Misericórdia; membro de numerosas comissões de filantropia, de instrução e de beneficência.

Dedicou-se aos estudos históricos, em especial à História Açoriana. Publicou, além de outros trabalhos, os 12 primeiros volumes do Arquivo dos Açores e a Biblioteca Açoriana, uma recolha bibliográfica das obras impressas e manuscritas, nacionais e estrangeiras, respeitante às ilhas dos Açores. Foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências e sócio-fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa. Era dono de uma notável biblioteca e um vasto património documental, que legou à então Biblioteca Pública Municipal, no que constitui hoje o chamado Fundo Ernesto do Canto.

Eugénio do Canto (17/10/1836–07/11/1915) Formou-se em Filosofia na Universidade de Coimbra. Ao regressar à terra natal, foi nomeado professor provisório do Liceu de P. Delgada, onde lecionou até ao ano de 1896. Reuniu uma imponente biblioteca e publicou um apreciável número de raros folhetos e publicações quincentistas; promoveu a edição de vários documentos inéditos e pouco conhecidos.

Referências

- [1] Dias. Urbano de Mendonça *História da Instrução nos Açores*, Empresa Tipográfica Limitada de Vila Franca do Campo, 1928.
- [2] Gregório. Rute Dias *Pero Anes do Canto Um homem e um património (1473-1556)*, Instituto Cultural de P. Delgada, 2001.
- [3] Mónica. Maria Filomena *Os Cantos*, Alêtheia Editores, 2010.
- [4] Universidade dos Açores, Serviços de Documentação *Catálogo do Epistolário Familiar do Arquivo Brum da Silveira-José do Canto e Catálogo do Arquivo António do Canto Brum*, 1999.